Acervo ISA

JB 16/7/96 7 110

Índios viram protagonistas

Quem quiser participar de um verdadeiro programa de índio já pode marcar território a partir de hoje no Centro Cultural Banco do Brasil, no Centro. Começa ali, às 12h30, a mostra *Videoautor* deste mês, trazendo vídeos realizados pelo Centro de Trabalho Indígena (CTI), uma Organização Não Governamental (ONG). Dirigido pelo francês Vincent Carelli, o CTI, através do projeto *Vídeo nas aldeias*, viaja desde 1987 pelas regiões Norte e Centro-Oeste do país, onde já documentou a vida de mais de 20 tribos. A mostra apresentará, até domingo, 10 curtas e médias-metragens divididos em cinco programas. Hoje, às 18h30, será realizado um debate sobre a questão indígena e de outros grupos minoritários como os sem-terra.

Alguns programas apresentarão vídeos que contêm imagens feitas pelos próprios índios. É o caso de *A arca dos Zo'é*, de 1993, em que os índios Waiãpi, do Amapá, viajaram até o Pará para conhecer e documentar a vida dos índios Zo'é. Separadas por mais de dois mil quilômetros, as duas tribos descobriram muito mais do que a coincidência de falar a mesma língua, do ramo tupi. Eles perceberam que poderiam se encontrar mais vezes, realizando um verdadeiro intercâmbio cultural.

A antropóloga Virgínia Valadão, 43 anos, mulher do indigenista e videomaker Vincent Carelli — que está no Amapá produzindo a segunda parte deste vídeo, em que os Zo'é visitam os Waiãpi —, explica um dos objetivos do trabalho. "A direção de vídeo pelos índios significa um controle de sua própria imagem", diz. Outro exemplo deste intercâmbio é a produção *Eu já fui seu irmão*, que mostra o encontro entre os Parakarê, do Pará, e os Krahô, do Tocantins, do mesmo tronco Timbira, documentado por eles mesmos.

Virgínia, que dirigiu o média-metragem *Yãkwa, o banquete dos espíritos*, sobre um ritual de fertilidade dos Enawenê-Nawê, de Mato Grosso, afirma que o projeto tem contribuído para a reafirmação étnica dos índios. "Diante das câmeras, os índios Parkatejê, do Pará, por exemplo, retomaram o hábito de furar o lábio, um costume abandonado há mais de 20 anos, desde os primeiros contatos com o branco", lembra.

Além de produzir os vídeos, o projeto do CTI cria videotecas dentro das aldeias, contendo monitores de vídeo e fitas sobre outras tribos, e ainda forma câmeras entre os índios, como Kasiripinã, membro dos Waiãpi, que foi mostrar seu trabalho no Museu dos Índios Americanos, este ano, em Nova Iorque.

Divulgação

O indigenista Vincent Carelli exibe 10 trabalhos em vídeo no CCBB